

PETER SLOTERDIJK
TREMORES DE AR, ATMOTERRORISMO E CREPÚSCULO DA IMUNIDADE

Adolfo Vásquez Rocca*

Resumo:

Indaga-se a partir da análise de *Tremores de ar* de Peter Sloterdijk as origens e natureza do terrorismo moderno, dando conta de uma certa *racionalidade* do terror a qual se articula sob a lógica do pânico como argumento central da política. Reflete-se em torno da originalidade da nossa época a partir da prática do terrorismo, considerando o conceito de desenho produtivo no implícito, particularmente a manipulação do meio ambiente como dispensador de um novo estilo de morte: o modelo atmoterrorista. Para finalmente dar conta da constituição hipercomunicativa e da deflagração dos explosivos na mutação do terrorismo, entendido este como a arte de fazer falar de si próprio.

Palavras-chave: Sloterdijk. Terrorismo. Política contemporânea.

1 TREMORES DE AR: O FRÁGIL DESCANSO DOS MORTOS

Na sua obra *Tremores de ar* (SLOTERDIJK 2003), Sloterdijk se interna nas fontes do terror, correndo a bruma, buscando luz no crepúsculo da imunidade, Sloterdijk move provocadoramente o seu pensamento. Este escrito se arma sob a lógica do pânico como argumento central da política. Escrito entre a destruição dos arranha-céus de Nova York e o seqüestro por um comando checheno dos assistentes no teatro de Moscou. Assalto cuja conclusão -que ainda suscita discussões sobre se os gases empregados eram enervantes, anestésicos ou uma mistura inodora e incolor de ambos- parece a confirmação empírica da fantasia profética de Haslinger, citada por Sloterdijk, quando imagina em Opernhall a ópera de Viena convertida por uns criminosos numa grande câmara de gás.

Sloterdijk coloca em questão em *Tremores de ar* algo acerca deste tipo de espanto quando estuda detalhadamente a originalidade desta época, ao considerar a prática do terrorismo, o conceito de desenho produtivo e a reflexão em torno do meio ambiente como

* Doutor em Filosofia pela Pontificia Universidad Católica de Valparaíso e Professor do Instituto de Filosofía de la Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Valparaíso – Chile, adolfovrocca@gmail.com.

um tríptico organizador de um estilo de morte: o modelo atmoterrorista e a guerra do gás. É a partir do meio ambiente, a partir da necessidade elementar de respirar que provém a mudança nos meios de agressão ao semelhante. Arrebata-se a vida arrebatando os meios que permitem viver, numa comédia econômica da asfixia.

Segundo Sloterdijk, o terror contemporâneo (o "atmoterrorismo") se constitui sobre bases pós-militares já que não está dirigido contra unidades específicas, mas o seu principal objetivo é agredir o contínuo meio-ambiental de coisas e pessoas que torna possível a vida das populações. Sloterdijk descreve assim o horror próprio da nossa época como “uma manifestação modernizada de saber exterminador (...) em razão da qual o terrorista compreende as suas vítimas melhor do que elas se compreendem a si próprias”. Sloterdijk assinalará o uso massivo de gás clórico por parte do exército alemão contra a infantaria franco-canadiana na batalha de Yprés como o momento inaugural do modelo atmoterrorista, o qual supôs a ampliação do cenário bélico e o deslocamento do campo de batalha ao entorno meio-ambiental.

A partir dessa cena se desenvolve todo um saber climatológico negro que não fará mais que incrementar o conhecimento das condições de vida do adversário com o fim de asfixiá-lo por gases, produzir tempestades de fogo que abrasem o ar e o entorno ou saturar a atmosfera de radiações.

É assim, desta forma, que Sloterdijk indica o 22 de abril de 1915 como o começo, de uma nova era no nosso presente: os alemães derramam sobre as trincheiras francesas ajudados por ventos favoráveis 5.700 garrafas de gás mostarda. Data iniciática, segundo Peter Sloterdijk, o ponto de inflexão numa genealogia das armas de guerra que marcará a introdução do meio ambiente na contenda entre facções. O campo de batalha ampliou-se à atmosfera. Duas variáveis, desconhecidas a nível massivo -mas com algum precedente histórico- entram em jogo na grande arte da guerra: a colaboração do indivíduo na sua própria destruição -através dos processos vitais que exigem a apropriação do meio ambiente- e uma nova dimensão, o tempo, expressada através da latência na atmosfera de determinadas substâncias invisíveis, e através da incubação no corpo desses mesmos agentes. Após formar-se uma espessa nuvem de seis quilômetros de largura que o vento fazia avançar; os soldados não podiam deixar de respirar, e respirar era intoxicar-se. Iniciou-se o domínio do ar para semear terror.

O terrorismo associado ao paroxismo das tecnologias de manipulação do meio ambiente ameaça com eliminar as condições de vida de toda a espécie. A guerra de gases supôs a conversão de uma ciência natural como a climatologia numa forma de controlo do

meio no qual vivem as populações. Neste sentido, Sloterdijk afirma que o “terrorismo é a explicação maximalista do outro sob o ponto de vista da sua possível condição de exterminável” (SLOTERDIJK 2003).

Um ataque químico ou bacteriológico como possibilidade das novas formas do terrorismo, eliminaria de modo radical a capacidade de viver, não apontando já apenas ao corpo do inimigo segundo os métodos da guerra convencional, mas estabelecendo as condições de impossibilidade para a vida desse corpo, que por respirar, atividade necessária para a vida, aspira gás letal e se suicida. Não há então refúgio face a essa guerra ou a esse terrorismo da mesma forma que não há abrigo na guerra total associada à *mobilização total* de Jünger.¹ Em ambos os casos, o da saturação do espaço e o da mobilização total, não há nem tempo nem lugar para reflexionar e a partir do qual exercer a autonomia pessoal. Aplicando as categorias da filosofia pós-moderna se pode assinalar que já não há distinção entre o interior e o exterior, não há nada interno, latente, oculto nem por descobrir, tudo está aí fora obscenamente alcançável e visível, se trata como diria Baudrillard da *Transparência do mal* (BAUDRILLARD 1990).

Segundo descreve Sloterdijk, uma primeira fase de evolução do "atmoterrorismo" se estenderia desde a I Guerra Mundial às câmaras de gas dos campos de concentração nazista, passando pelo seu uso e desenvolvimento na esfera civil durante o período de entre-guerras (de fato nesses anos houve uma autêntica obsessão pelos gases que inclusive propiciou o desenho de máscaras para distintas situações sociais). Para Sloterdijk a segunda fase na configuração do "atmoterrorismo" (especialmente na sua vertente estatal) estaria marcada pelo desenvolvimento do armamento aéreo que permite a eliminação do efeito imunizador da distância espacial e propicia a globalização da guerra através dos sistemas tele-dirigidos.

A partir das armas nucleares, a evidência da catástrofe, da destruição massiva e da morte térmica numa imediata explosão deixa caminho a uma destruição silenciosa e imperceptível devido à persistente radiação meio-ambiental. As radiações não se vêem, mas o inimigo compreende os seus efeitos, e o entorno se converte num espaço repleto de ameaças.

¹ JÜNGER (1895-1998) constitui, possivelmente a causa das suas participações - diametralmente opostas – em ambas as guerras mundiais, uma figura privilegiada do escritor-soldado; não obstante, Jünger foi cronologicamente, combatente antes de ser escritor. Assim, como sublinha Marcel Decombis (*Ernst Jünger, l'homme et l'œuvre jusqu'en 1936*) seguindo a linha traçada pelo especialista de história literária Langenbucher, é necessário distinguir "a linhagem de poetas que se converteram em soldados, da jovem geração (da qual forma parte Jünger) que a guerra transformou em poetas". Com efeito, a geração intelectual alemã que tinha publicado anteriormente a 1914, entre outros R.G. Binding ou St George, sentiu a guerra como um questionamento apocalíptico da cultura da qual formava parte. Não obstante, a geração literária de Jünger ou de Dwinger e Schauwecker, irrompia nesse momento dentro da história contemporânea. Neste sentido, Jünger forma parte dos autores que não esperaram ver amadurecer em si uma vocação, mas que se sentiram incitados à escrita pela crueza de uma experiência belicosa que derrocava o antigo mundo e que devia ser contada sem artifício.

Por ele, Sloterdijk concebe o terror moderno como uma espécie de explicacionismo, no qual há uma assimetria entre o que explica (e compreende antes que se produzam os efeitos) e o explicado (que só "compreende" depois de tê-los sofrido).

Assim, após o lançamento das duas bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki e a explicitude do radioativo, o momento ionosférico e as armas tele-energéticas representam, segundo Sloterdijk, "a culminação do domínio do atmosférico". O momento ionosférico do 'atmoterrorismo' nos conecta com o desterramento dos homens, a sua desnaturalização, a sua aprendizagem da desconfiança do sentido da racionalidade e da inibição de uma confiada entrega que caracteriza os indivíduos da era pós-humanista.

Para Sloterdijk são precisamente estas condições de exposição total, de ameaça e de vulnerabilidade o que opera os fatores de perturbação, as condições intelectuais desta época requerem -como resguardo- aprender a desconfiança, mas como desconfiar do ar?

Introduzido o meio ambiente na luta entre facções, as interações entre inimigos põem a descoberto a vulnerabilidade da respiração. O modelo atmoterrorista (e "atmo" é ar), pelo seu alto nível de abstração e distância das vítimas, fragmenta a cadeia de responsabilidades; além disso, é um método que se distribui de imediato em ambos os lados do conflito, pelo qual o terrorismo é um modo de lutar que não trata de apropriar-se da liberdade do outro, mas de impedir que o outro tenha liberdade de desfrutar do seu meio.

O 'atmoterrorismo' satura o mundo de perigo e agressão até ao ponto de desarraigar os homens, de desnaturalizá-los, empurrando-os a emboscar-se para além de qualquer confiada entrega.

Sloterdijk apresenta-nos o paradigma do humanismo e do terrorismo irmanados na figura do Professor de Química Fritz Haber (1868-1934) responsável pelo "Instituto Imperador Guillermo de Dahlem para a Investigação físico-química e electro-química". Prêmio Nobel em 1918 foi também associado à organização da guerra química na Primeira Guerra Mundial, pai da máscara de gás e promotor da chamada "campanha contra a eliminação de parasitas" no campo agrícola. Todos estes galardões não impediram que em determinado momento tivesse que emigrar em 1933 devido ao seu ascendente judaico, depois de ter, ainda no Verão, assessorado o comando militar do Reich em questões de gás tóxico. Morreu na Basileia em 1934, de viagem para a Palestina. Alguns dos seus familiares perderam a vida nos campos de Auschwitz, gazeados. Desinfetar com gases tóxicos a Europa dos sujeitos impuros e animais foi parte da fase atmosférica do genocídio.

Filho da aliança entre ciência e aparato militar, encarnado por Fritz Haber², o tremor do ar condensa o ideal de desinfecção com o racismo (o Ciclone A se inventa em 1920 para desinfetar estâncias infestadas de insetos; o Ciclón B será utilizado para exterminar judeus). A técnica permitirá diferenciar o interior do exterior, e assim se fará, em 1924, a primeira câmara de gás "civil", no Nevada, para executar a condenação à morte; o interior pode ser um trem subterrâneo, e assim o gás sarín levado em bolsas poderá ser liberado pelos seguidores de uma seita. A verdade suprema desce da carruagem e deixa o tóxico nas entranhas de Tóquio.

O tremor é um matadouro, seja um incêndio como o de Dresde, ou uma nuvem como o Napalm com o qual os Estados Unidos envolveram o Vietnam, ou uma experiência como a dos russos numa ilha com centenas de macacos expostos a bombas químicas. Trememos todos, privados do envolvimento natural do ar.

Sob um ar cada vez mais turvo e asfíxiante, a ilusão de fechar uma atmosfera. A areação, o ar-design, a aromatização e o conforto olfativo constroem constelações atmosféricas, mas só apenas na ilusão de amparo. É que, como o assinalou Canetti (VÁSQUEZ ROCCA, 2007), a nada se encontra tão aberto o homem como ao ar. Somos respiradores, mas sob uma atmosfera profanada e com formas de vida desmoronadas. "O terror torna explícito que é o meio ambiente sob o viés da sua vulnerabilidade; a iconoclastia torna explícito o que é a cultura ao experimentá-la a partir da sua possibilidade de ser parodiada; a ciência torna explícito o que é a natureza primária sob a perspectiva da sua contingência de acordo com os avanços tecnológicos". Sloterdijk faz notar certas perplexidades às que nos enfrenta o atmoterrorismo, questões como a que o ineludível costume de respirar é o que se volta contra aqueles que respiram, uma vez que estes, à força de seguir a prática desse elementar hábito, se convertem em involuntários cúmplices da sua própria destruição. Depois dos ataques com gás tóxico, o ar perdeu a sua inocência. E os signos se cobriram de lama. Tudo poderia estar latentemente contaminado ou intoxicado.

Até ao século XX a política e a guerra moderna tiveram lugar em torno do Estado-nação, uma entidade fixa num território extenso com uma população relativamente repartida. Existia um campo de batalha, um cenário bélico, um terreno onde os exércitos podiam se enfrentar, para a partir daí eventualmente proceder à conquista territorial, da qual as cidades eram o último cenário de luta. As guerras mundiais, sobretudo a Segunda, marcaram uma quebra destinada a perdurar: A cidade passou a ser alvo dos ataques militares com

² Diretor científico do programa Gás para a Guerra que desenvolveu o gás utilizado em Yprés, obteve o prêmio Nobel de Química em 1918.

bombardeamentos à população civil. A estratégia militar evidentemente tinha tomado nota da formidável mudança pela qual as populações abandonaram as extensões regulares para se concentrar em territórios pequenos como as cidades. Atacar uma cidade seria, a partir de então, um feito político. Para autores como Virílio, mas sobretudo Sloterdijk, aqui nasce a lógica do terrorismo moderno e assim o expõe em *Tremores de ar* (SLOTERDIJK 2003).

2 O REGIME DE SABOTAGEM E A LÓGICA DO PÂNICO COMO ARGUMENTO CENTRAL DA POLÍTICA

As formas da guerra, como se assinalou, a partir da última década do século XX excedem não só os limites territoriais, mas também os temporais que até então circunscreviam as ações de ataque e defesa no lapso compreendido entre declaração e fim. As inovações pertencem à ordem do contínuo e não do discreto, e requerem, por ende, de uma reformulação de códigos em que velhos valores como a honra se deslocam para ceder espaço a noções entre as quais ocupa um primeiro lugar a imunidade. Não será a única intrusão de concepções provenientes da biologia, e tais intrusões tampouco serão estranhas, menos surpreendentes, se se pode conceber um estado, povo ou nação não como um conceito humanista abstrato mas como o simples e primeiro somatório de organismos vivos -na sua maior parte homens- que dão como resultado um organismo vivo maior. Esta concepção, então, também inclui os chamados recursos naturais de que dispõe dito estado, vitais para a sua sobrevivência e necessários fatores a vulnerar numa guerra biológica.

Nestas novas formas que adota a guerra e o extermínio torna-se também tênue a distinção entre campo de batalha e população civil, entre atmosfera e território, que fora inaugurada pelas duas guerras mundiais. A "guerra contra o terrorismo" é um contra-sentido, pois a guerra, durante o século XX e, ainda com mais força, no século XXI, se livra por meio do terror. A novidade que aportam as hordas monádicas de Osama bin Laden, no sentido da definição clássica de "terrorismo", é a opção absoluta pela imolação e a completa imprevisão no lugar, tempo e modo no qual ocorrerão os ataques; portanto, a indeterminação das vítimas. Esta imprevisão leva a primeiro plano a contaminação psicológica, o medo de todos a respeito de todos e o viciamento da atmosfera mental nos países de cunho ocidental. Já não são os estados, povos e nações os corpos a enfrentar um inimigo exterior: o planeta inteiro é agora o organismo vivo, e na falta de um agente exterior, o terrorismo emerge como um vírus, que

ataca sem ser visto nem esperado. O tempo de incubação é o tempo que os serviços de inteligência têm para atuar no fortalecimento do sistema imunitário.

O terrorismo moderno instalou o regime da sabotagem; o cidadão comum desconfia do seu vizinho, não sabe quem é o inimigo. As grandes urbes são hoje o terreno de uma silenciosa guerra de todos contra todos que deriva não só na mais evidente histeria que rodeia os atentados e os acidentes, mas também na latência de um atentado larvando a sua eclosão. As hostes terroristas atuais, nas que devem incluir-se tanto as de Osama bin Laden como as de George W. Bush, parecem marcar o ponto mais logrado desta ameaça soterrada, porque operam com o medo e o pânico que gera a indistinção entre atentado e acidente.

Assim, escreve Virílio em *Ville panique (Ciudades del Pánico)*, "amanhã o Ministério do Medo dominará, a partir do alto dos seus satélites e das suas antenas parabólicas, o Ministério de Guerra já caído em desuso, com os seus exércitos em vias de decomposição avançada" (VIRILIO 2004). E isto seria assim porque a guerra, que passou de ser assunto de estados a assunto de cidades, agora entrou diretamente na alma de cada um dos habitantes destas cidades que não podem administrar esta tensão mais que com uma angústia insuportável, um estado de emergência permanente e, como assinalou Jünger, um estado de mobilização total.

Finalmente, como crônica das relações entre teoria e política de Estado, cabe apontar que Sloterdijk foi convocado pelo chanceler Schröder para debater sobre as conseqüências do novo cenário mundial na era do atmo-terrorismo e as guerras de reféns (VÁSQUEZ ROCCA 2007b). Neste contexto Sloterdijk se referiu ao binômio medo e segurança, com relação à política exterior norte-americana, que costuma apresentar Washington sob a rubrica "interesses de segurança". Destacou o filósofo como "vivemos numa sociedade obcecada pela segurança", pelas apólices e pelas políticas de climatização (VÁSQUEZ ROCCA 2006) correndo o risco de perder a nossa liberdade. Referiu-se também ao medo como um elemento chave para o desenvolvimento do intelecto. "O medo -assinalou Sloterdijk- está no começo do intelecto, o medo de alguma maneira fez o homem" (SLOTERDIJK 2007).

3 CONSTITUIÇÃO HIPER-COMUNICATIVA E DEFLAGRAÇÃO: A MUTAÇÃO DO TERRORISMO COMO ARTE DE FAZER FALAR DE SI PRÓPRIO

Na era da globalização o terrorismo, como forma organizada de desinibição

agressiva, avança com passos silenciosos pelas fissuras abertas do abrumador entorno circundante (SLOTERDIJK 2004). O “terrorismo” não é outra coisa que a consumação de uma espécie de justiça imaginária ou -se preferirmos- ajustiçamento. Um modo de sobre-reação que encontra no 11 de Setembro de 2001 uma das suas mais potentes manifestações. Este fato é, para Sloterdijk (SLOTERDIJK 2004), indicativo de que o motivo da desinibição agressiva caiu nas mãos de *perdedores ativos*, procedentes do bando anti-ocidental. Uma nova onda de perdedores da “história” descobriu para si os prazeres da unilateralidade, da agressão “espontânea”. Não imitam, como anteriores movimentos surgidos dos perdedores, nenhum modelo de “revolução”; imitam diretamente o impulso originário das expansões européias: a superação da inércia mediante o ataque arbitrário, a assimetria euforizante garantida pela agressão pura, a superioridade indiscutível daquele que chega primeiro a um lugar e planta o seu estandarte antes que o façam os demais. A clara primazia da violência agressora fere de novo o mundo, mas desta vez a partir do outro lado, do lado não ocidental. Os terroristas islâmicos ocupam zonas cada vez mais amplas no espaço aberto das notícias do mundo. Nele infiltram os sistemas, violam o espaço aéreo e chocam aviões cintilantes sobre as torres de Cristal que abrigam o centro do comércio mundial. O fato de que os autores destes graves atentados recebam a consideração de heróis em extensas zonas do mundo não controladas pelo Ocidente constitui só um aspeto secundário do seu triunfo, a eficácia que ostentam e a marca do seu orgulho diz relação à gestão da catástrofe. Com a geração do pânico global.

As circunstâncias favorecem os terroristas: estes compreenderam, melhor que outros coletivos de produtores de eventos, de espetáculos pirotécnicos, que a hegemonia das telecomunicações não são capazes de gerar todos os conteúdos e produzir os acontecimentos no estúdio e que continuam a depender dos acontecimentos exteriores. E aprenderam da experiência que eles mesmos podem oferecer-lhes tais acontecimentos, mediante a gestão da catástrofe, assim se fizeram com o monopólio do sector da violência real. Além disso, podem estar seguros: perante os atos de invasão, o infoespaço do grande sistema não oferece mais resistência da que ofereceu uma África amorfa no século XIX frente aos mais brutais ataques dos europeus.

O sistema nervoso dos moradores do “mundo livre” condicionados pelo tédio que reina no “planeta americano”, aguardam notícias do exterior; se afanam por avistar -com paranóia- qualquer indício da existência de um inimigo. A soma destas análises oferece uma práxis coerente aos terroristas: ao preparar as suas explosões televisadas, tiram partido, com aguda intuição, da “constituição hipercomunicativa do espaço social” (LILIANA VÁSQUEZ ROCCA 2007) do Ocidente; por meio de invasões mínimas, exercem um influxo sobre a

totalidade do sistema, enquanto que o vulneram e ferem nos seus centros nevrálgicos. Podem estar certos de que a única medida antiterrorista que alcançaria o êxito, o silêncio absoluto dos meios de comunicação a propósito dos atentados, se frustrará sempre por causa da fidelidade daqueles ao seu dever de informar. Por isso, os “nossos” canais de excitação transmitem de maneira quase automática o estímulo terrorista local aos consumidores de terror, os cidadãos maiores de idade do palácio de cristal, de maneira muito parecida a como os canais do nosso sistema nervoso transmitem a dor da queimadura desde as pontas dos dedos até ao registro geral no cérebro. O nosso próprio dever de informar garante ao terrorismo um posto duradouro como arte de fazer falar de si próprio. Ainda que o terrorismo seja um fantasma que em raras ocasiões se materializa, goza de uma consideração ontológica que habitualmente se outorga ao real e iminente.

Assim, o terrorismo conseguiu ser objeto de “atenção” como estratégia de expansão unilateral no momento pós-histórico. Penetra facilmente no cérebro das “massas” (VÁSQUEZ ROCCA 2007) e se assegura um espaço significativo no mercado mundial das emoções temáticas. Por isso o terrorismo está estreitamente aparentado com as artes mediáticas pós-modernas, e talvez não faça outra coisa que extrair as conseqüências mais extremas das tradições da arte transgressora de raiz romântica. À vista de tudo isto, se compreende porque o neoliberalismo e o terrorismo são o reverso de uma mesma folha. Sobre ambas as faces se lê um mesmo texto.

Aqui torna-se forçoso reconhecer que se carece de meios para conter a ação desinibida que se torna um grato desdobrar aos indivíduos vigorosos que desejam empregar o seu excesso de força, seja na empresa agressiva espontânea ou na vingança.

As ações paramilitares que a coalizão Ocidental chama “agressão do fundamentalismo” ainda que pareçam pertencer a uma época já passada, os seus restos se mantêm com virulência no mundo pós-unilateral. O que impulsiona os audazes agressores, quer se trate de terroristas, mercenários, criminais ou empresários armamentistas, é o anseio de se transformar um impulso de iniciativa pura num contexto mundial que emprega todas as suas forças para travar as iniciativas. O fundamentalismo islâmico, que na atualidade se percebe como um paradigma de agressividade sem sentido, tem interesse apenas enquanto que arranjo mental circunscrito a âmbitos locais, que torna possível o trânsito, sempre precário, desde a teoria (ou o ressentimento) à prática por parte de determinados grupos extremistas de ações de desinibição fundamentalista, de um excedente de energias, que encontram expressão nos ataques terroristas atuais contra os grandes sistemas, numa espécie de radicalismo pós-histórico, numa forma de romanticismo da agressão. Este romanticismo confunde as fissuras

com um espaço livre. Mediante a realização de missões, projetos e outros gestos, os seus atores queriam resgatar a força da assimetria do seu caráter de golpe adiantado e auto-satisfatório, numa época que se encontra já sob o primado da amabilidade, da inibição, da ação recíproca, da cooperação, tanto no Oriente como no Ocidente. Só se escapam algumas fissuras que ainda que estreitas do ponto de vista do sistema, são numerosas.

Assim, os atos terroristas ainda que apareçam como autismos sem saída no cenário mundial, produzem um forte eco no murmúrio pós-histórico dos meios de comunicação.

Agora, o 11 de Setembro de 2001 marcou uma data cuja própria superfluidade é sinistra, uma data que não aponta a nada, salvo ao próprio dia em que teve lugar o fato. Este foi até agora o indício mais claro de pós-historicidade, uma mudança de época de guerra. Os aviões que chocaram contra as Torres de Nova York ilustram à sua maneira a mutação do terrorismo, uma mutação que não é somente quantitativa mas também qualitativa já que não se fundamenta na evolução recente dos sistemas de armas, mais precisamente no contrário, na possibilidade de semear o terror prescindindo em absoluto de armas, mostrando a capacidade de converter qualquer objeto em meio de destruição.

Aqui nos encontramos perante uma particular escalada terrorista de ações político-militares que se apóiam ao mesmo tempo sobre meios improvisados, um número restrito de participantes, e sobre uma cobertura mediática assegurada. Assistimos assim à emergência estratégica dessas “armas de comunicação” que substituem a supremacia tradicional das “armas de destruição” e de “obstrução”; dito de outro modo, o duelo da arma e do escudo (VIRILIO 1997, 57).

É esta a mutação do terrorismo, uma mudança de época de guerra: um só homem provocando os mesmos desastres que provocava ontem uma esquadra naval ou aérea. Com efeito, a miniaturização das cargas e dos progressos químicos no terreno da deflagração de explosivos favorece uma equação até agora inimaginável: um homem - uma guerra total (VIRILIO 1997, 57).

De outra perspectiva cabe agregar à nossa análise que os terroristas de Setembro engendraram uma violência unilateral que não tinha absolutamente nada em mente que pudesse comparar-se a um projeto, salvo vagas alusões a uma repetição, alusões que maus estrategistas interpretaram de modo errôneo como uma ameaça. Uma verdadeira ameaça teria que adotar, como todo o mundo sabe, a forma de uma “advertência armada” (SLOTERDIJK 2004), e o atentado de Setembro não procurava nenhuma consequência, foi uma mera demonstração da capacidade de levar a cabo um ataque pontual contra as torres de cristal do centro de comércio mundial; foi uma “medida” -alterada por certo- mas que se esgotou na sua

própria realização. Também não tinha nada de luta por um bom fim por meios violentos, mas desgracadamente necessários, como havia mostrado a meta-ética revolucionária desde o século XIX. O atentado foi uma pura reivindicação da primazia da agressão num tempo regido pelas inibições e o acoplamento regenerativo.

À vista do 11 de Setembro, se pode deduzir que o conteúdo da pós-história no seu aspecto mais dramático ficará determinado durante muito tempo pelas interações dos porfiados. Isto não é uma constatação como qualquer outra. À impossibilidade, advertida por Hegel, de aprender algo da história, soma-se agora a impossibilidade de aprender com os episódios da pós-história. Somente os provedores de tecnologia de segurança podem obter algum benefício destes incidentes. Todo o resto se abandona ao fluxo e refluxo das agitações mediáticas, incluídos os esforços das polícias internacionalizadas que empregam a angústia coletiva como legitimação da sua própria expansão.

As provocações dos terroristas não constituem em nenhum caso um motivo objetivamente satisfatório para um retorno da cultura política do Ocidente ao “momento hobbesiano”: a questão de se o Estado moderno tem capacidade para proteger com eficácia a vida dos seus cidadãos acha no balanço dos fatos uma resposta claramente afirmativa, de tal maneira que seria néscio colocá-la de novo com seriedade. Faz tempo que a “sociedade” adquiriu a competência necessária para a absorção psíquica do terror, e a inquietude provocada pelo terrorismo chega à “sociedade” apenas através dos meios de comunicação e não através de mobilizações ordenadas pelo Estado; o Estado de hoje em dia é, igual que todos os demais, um consumidor de atos terroristas, e o fato de que se lhe exija competência na luta contra o terror não muda em nada o fato de que nem se vê diretamente atacado por este nem sequer pode reagir de maneira direta. De todos os modos, a legitimação do Estado deixou de basear-se faz algum tempo nas suas funciones hobbesianas, e se fundamenta nas suas prestações como redistribuidor dos meios de vida e do acesso ao conforto; demonstra a sua utilidade como imaginário terapeuta coletivo, assim como garantia de comodidades tanto materiais como imaginárias, dirigidas a uma maioria (SLOTTERDIJK 2004b).

Por isso, as reações não liberais contra o terror são sempre inadequadas, uma vez que infravalorizam a tremenda superioridade do atacado sobre o atacante; magnificam o fantasma insubstancial da Al Qaeda, esse aglomerado de ódio, desemprego e citações do Corão, até convertê-lo num totalitarismo com traços próprios, e alguns, inclusive, crêem ver nele um “fascismo islâmico” que, não se sabe com que meios imaginários, ameaça a totalidade do mundo livre. Deixaremos aberta a pergunta pelos motivos que conduziram àquela infravalorização e a esta magnificação. Só isto é certo: os realistas se acham de novo no seu

elemento; por fim podem pôr-se, uma vez mais, à frente dos irresolutos, com os olhos cravados no fantasma do inimigo forte, medida antiga e nova do real. Com o pretexto da segurança, os porta-vozes da nova militância dão rédea solta a tendências autoritárias cuja origem há que procurar noutra lugar; a angústia coletiva, cuidadosamente mantida, faz com que a grande maioria dos mimados consumidores de segurança do Ocidente se some à comédia do inevitável.

Traduzido do espanhol por Susana Guerra

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. *La transparencia del mal*. Barcelona: Anagrama, 1990.

SLOTERDIJK, Peter. *El palacio de cristal* (Conferencia). Barcelona: Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: Espumas*. Madrid: Editorial Siruela, 2004 (b).

SLOTERDIJK, Peter. *Temblores de aire, en las fuentes del terror*. Valencia: Ed. Pre-Textos, 2003.

VÁSQUEZ ROCCA, Adolfo. “Sloterdijk y Canetti: El detonante iconográfico y operístico de la política de masas”. In *Nómadas, Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Nº 15, Janeiro-Junho, 2007.

VÁSQUEZ ROCCA, Adolfo. “Peter Sloterdijk: miembro de la Academia de las Artes de Berlín y de ‘Das Philosophische Quartett’”. In: *Escáner Cultural, Revista de arte contemporáneo y nuevas tendencias*, Nº 96, Santiago, 2007 (b).

VÁSQUEZ ROCCA, Liliana. “Sloterdijk; De la ontología de las distancias al surgimiento del ‘provincianismo global’”. In: *Psikeba, Revista de Psicoanálisis y Estudios Culturales de Buenos Aires*. Buenos Aires: Nº 5 – 2007 (c).

VÁSQUEZ ROCCA, Adolfo. “Peter Sloterdijk;. Esferas, helada cósmica y políticas de climatización”. In: *Debats*, Nº 94, Valencia, 2006.

VIRILIO, Paul. *Ville panique. Ailleurs commence ici*. Paris: Galilée, 2004.

VIRILIO, Paul. *Un paysage de acontecimientos*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1997.